

Espaço urbano e redes de solidariedade nos estudos migratórios: o caso das freguesias cariocas (século XIX e XX)

Erica Sarmiento da Silva

### Rio de Janeiro e suas freguesias: espaços de encontro e conflito

A travessa do comércio ostentou ontem à noite o mesmo triste espetáculo (...) Dezenas de imigrantes espanhóis e italianos ali procuravam abrigar-se e passar a noite em promiscuidade e abandono que quaisquer que sejam as causas é deprimente para a administração pública. Acreditemos que eles não têm direito ao acolhimento nas hospedarias do Estado, nem razão justificada para se queixarem da falta de ocupação, mas a sua vagabundagem e a sua miséria, ainda que merecida, não podem continuar daquele modo sem grave responsabilidade dos poderes públicos.

Dêem-se lhes agasalhos, ou permita-se-lhes que voltem aos países de onde vieram ainda mesmo com o sacrifício do Estado. Os interesses da boa imigração são muito mais importantes do que os motivos regulamentares que possam explicar e até justificar o abandono daquela gente<sup>1</sup>.

*O Paiz*, 1889

No ano de 1889, período auge da imigração de massas, o jornal *O Paiz* pede que as autoridades se responsabilizem pelos emigrantes, ao mesmo tempo em que os julga merecedores da situação em que se encontram, submersos na vagabundagem e na miséria. O discurso ambíguo, veiculado pelo periódico carioca, faz parte do cenário que se formava na então capital brasileira: o Rio de Janeiro. Receptora de imigrantes e vivendo o seu período de modernização, a cidade, no ano de 1920, já abrigava 20% de população estrangeira. No censo de 1906, dos 210 515 imigrantes, 133 mil eram portugueses, 25 557 italianos e mais de 20 mil eram espanhóis. No censo de 1920, o quadro se repete com os espanhóis mantendo o terceiro lugar como contingente imigratório no Rio<sup>2</sup>.

Nos primeiros anos do século XX, no governo do prefeito Pereira Passos a cidade passou por uma radical reestruturação. Era necessário modernizar o país,

<sup>1</sup> *O Paiz*, terça-feira, 8 de fevereiro de 1889.

<sup>2</sup> MOTTA, 1982:141.

começando pela capital. Fazer das suas ruas um espaço digno de se viver, seguindo os padrões europeus. Remodelar a cidade significava destruir o que não correspondia esteticamente ao cenário de beleza idealizado para o convívio de uma elite. As camadas populares que habitavam as áreas centrais da cidade, onde estava localizado o comércio e grande parte do mercado de trabalho, foram as primeiras a serem atingidas pelas mudanças. Para seguir os padrões estabelecidos pela modernidade, foram destruídos os cortiços, as estalagens, todas as moradias baratas que enfeavam o cenário e não combinavam com o planejamento urbano idealizado pelos engenheiros e políticos da época. A população de baixa renda foi a mais afetada, tendo que se deslocar para a periferia, criando novos bairros, ou permanecendo nas pensões ou cortiços que resistiam às reformas urbanísticas.

A cidade começou a crescer de forma contínua. Suas ruas e avenidas despontavam em um rápido ritmo, surgiam os novos transportes como o bonde e o automóvel, apareciam os bancos e as indústrias. A demografia carioca também apresentou importantes transformações em sua estrutura populacional, com a chegada de centenas de migrantes rurais e o aumento da imigração. A população do Rio, em 1870, se limitava a 235.381 pessoas, já em 1890 contava com 522.651 e 15 anos depois, em 1906, eram 811.443 os que habitavam a “cidade maravilhosa”. A população continuou aumentando desenfreadamente e, em 1920, a cifra alcança o total de 1.157.873<sup>3</sup>. Junto com esse crescimento, aparecem também as epidemias de varíola, peste e febre amarela. As enfermidades contaminam as zonas mais pobres da cidade, onde se aglomeram os prostíbulos e os cortiços. São as duas faces de um Rio de Janeiro que se desenvolvia ignorando as classes populares. Dentro desse contexto, a imigração se intensifica, acompanhando a transição para uma ordem capitalista, desde uma sociedade constituída por uma massa de ex-escravos analfabetos e despreparados. O aumento do custo de vida era agravado pela chegada dos estrangeiros. Ampliava-se a oferta de mão-de-obra e a luta pelos escassos empregos disponíveis<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> MENDONÇA MOTTA, Mary Hesler de. *Imigração e trabalho industrial- Rio de Janeiro (1889-1930)*. Dissertação de mestrado apresentada na UFF, Niterói, p.141. A autora alerta a imprecisão dos dados dos censos do Rio de Janeiro dos anos de 1906 e 1920, alegando que entre os dois censos, para o mesmo ano, os resultados não correspondem. Por exemplo, a população do Rio para o ano de 1872 está registrada nos dois censos com diferentes resultados. As estatísticas oficiais sempre contém uma porcentagem de erros.

<sup>4</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo,

Foi convivendo nesse cenário que muitos galegos disputaram e conviveram nesses espaços centrais do Rio de Janeiro. Alguns bairros, como vemos nas páginas seguintes, constituíram-se em reduto da coletividade galega, que encontrou moradia e trabalho, reforçando suas cadeias imigratórias.

Através do cruzamento de fontes nominativas, realizamos um estudo sobre a inserção socioprofissional dos galegos no Rio de Janeiro. As fontes que nos ofereceram dados substanciais sobre a localização dos galegos pelos logradouros cariocas foram os arquivos privados do Hospital Espanhol e do Consulado Espanhol. Essa documentação foi a base inicial para o diálogo com outras fontes qualitativas, como podem ser os processos de expulsão, os periódicos da época ou as entrevistas realizadas com os imigrantes. Os testemunhos dos imigrantes serviram para corroborar a existência e importância das localidades e, ao mesmo tempo, ajudar a identificar a classificação do imóvel, se este era uma casa de cômodos, pensão ou estabelecimento comercial.

A partir da amostra retirada das matrículas dos sócios do Hospital e dos inscritos no Consulado Espanhol, formada por mais de 3500 indivíduos, extraímos as primeiras informações da coletividade galega como os municípios de origem, a profissão, o ano de chegada, o número de repatriados, o estado civil, a alfabetização e a localização espacial dos imigrantes nas ruas do Rio de Janeiro. Por primeira vez, vinculou-se o lugar de origem com a sociedade de destino, encontrando, dessa forma, os focos migratórios. Apesar da diferença da natureza das duas fontes, alguns dados como a profissão, o município de origem e a residência na sociedade receptora foram aproveitados numa única base de dados.

Nas matrículas dos sócios do Hospital Espanhol, recolhidas em três livros correspondentes aos anos de 1859 até a década de 20 do século passado, foi a fonte que mais contribuiu com informações sobre os pioneiros da emigração de massas. Entre os anos de 1859 e 1880, encontramos 218 imigrantes galegos matriculados no Hospital Espanhol. Essa informação, junto com os dados pessoais de cada sócio, possibilitou a localização geográfica dos pioneiros pelos bairros cariocas, assim como a construção das cadeias migratórias e a antiguidade da emigração galega no Rio de Janeiro. Foi possível, por exemplo, distribuir os galegos pelas ruas do Rio de Janeiro, classificar as suas atividades profissionais e a partir daí, formular uma série de perguntas: se as

atividades exercidas estavam associadas ou não aos espaços físicos onde se desenvolviam; se estavam próximos a outros grupos de imigrantes de maior tradição histórica e relevância numérica; se havia concentrações de galegos em determinadas ruas; se os pioneiros procediam de zonas com tradição migratória a Rio de Janeiro ou se exerciam atividades que foram seguidas pelos grupos migratórios posteriores; se esses pioneiros exerceram o papel de mediadores nas redes de socialização, ajudando os recém-chegados a conseguir o primeiro emprego e a primeira residência, etc.

A riqueza da documentação relacionada às listas consulares e de associações em geral, sem dúvida, permite construir tipologias e ampliar o conhecimento acerca do objeto de estudo.

## **A Freguesia de Santo Antonio e A Lapa: Os Arcos da Lapa, A Lapa e a Rua do Lavradio**

Bairro que se tornou famoso na história da cidade pela sua vida noturna dissoluta, bairro de cabarés baratos, de casas de baixo meretrício, de malandros, de jogadores, valentões e invertidos, e do “trottoir” de pobres mulheres ditas perdidas, como consta de muitas crônicas e livros<sup>5</sup>...

Essa era a imagem da Lapa e seus arredores desde o Oitocentismo em diante. Um bairro boêmio, cheio de pequenos hotéis que serviam de encontros amorosos para a classe baixa ou simplesmente para hospedar trabalhadores que não tinham condições de ter uma casa própria ou pagar aluguel nas áreas mais privilegiadas da cidade. As suas ruas, como a Joaquim Silva ou as Marrecas, no começo do século XX, se converteram em ruas cheias de prostíbulos que aí permaneceram até depois da década de 1940.

Nas Ruas do Lavradio, Lapa, dos Arcos, Joaquim Silva e Visconde de Maranguape, viveu, trabalhou e teve negócios uma boa porcentagem da imigração galega do Rio de Janeiro. Se somarmos os galegos que estiveram nas três ruas principais da freguesia de Santo Antonio e do bairro da Lapa (Lavradio, Arcos da Lapa e Rua da Lapa), temos um total de 258 emigrantes, o equivalente a 7,6% de toda a amostra

---

<sup>5</sup> BRASIL GERSON. *Histórias das Ruas do Rio* (e da sua liderança na história política do Brasil). Rio de Janeiro, Lacerda, 2000, 5ª ed, p.236.

recolhida<sup>6</sup>. A província de Pontevedra concentrou 50% dos 258 emigrantes que viviam nesta zona; A Coruña contribuiu com 36% e Ourense com 14%. Das três ruas mencionadas, a do Lavradio foi a de maior importância numérica, aglomerando 135 emigrantes (3,8% do total de toda emigração), seguida da Rua dos Arcos (2,25%) e por último, a Rua da Lapa (1,23%). Esta área do Rio de Janeiro acolheu galegos de todas as províncias, porém com uma maior concentração em determinadas províncias, como Pontevedra e A Coruña.<sup>7</sup>

A província de Ourense, por exemplo, estava bastante dispersa entre as ruas do Centro do Rio, e também nos subúrbios. Aí temos uma realidade condizente com as características da emigração ourensana, que, ao contrário das províncias de Pontevedra e A Coruña, não tiveram concelhos (com a exceção de Melón) com altos índices de emigração. Entretanto, encontramos alguns focos tanto na freguesia de Santa Rita (Ruas Senador Pompeu, Camerino e Barão de São Félix), como na freguesia de Santo Antônio (Rua do Lavradio) ou na Lapa. Nesta última freguesia, contabilizamos 5,5% do total da emigração ourensana, que se divide entre vários concelhos de diferentes áreas geográficas da província, como podem ser Melón, Pereiro de Aguiar ou Xinzo de Limia. Cada concelho oferece um pequeno número de emigrantes, que na maioria das vezes, não ultrapassa cinco pessoas. Daí a dificuldade de analisar, em nível micro, as cadeias migratórias desta província e de construir um perfil dessa emigração, tanto pela sua dispersão por diferentes bairros do Rio de Janeiro, como pela pouca concentração de vizinhos em uma mesma localidade. Supostamente, o fato de não ter um grande contingente dividido em zonas (caso dos municípios pontevedreses) ou concentrado em um único concelho (caso de Santa Comba) pode ter colaborado para a sua maior dispersão, se comparado às outras províncias, como consequência da busca de apoio nas cadeias migratórias mais antigas e fortalecidas originárias de outras províncias. Seria uma cadeia em nível interprovincial. Também no caso de Ourense, ao ser uma emigração mais tardia para o Brasil, se comparada aos outros concelhos, predominando nas primeiras décadas do século XX, obrigou os seus vizinhos a buscarem sua inserção

<sup>6</sup> A amostra utilizada neste artigo, como explicada no item anterior, é referente a 3500 imigrantes, recolhidos nas matrículas dos sócios do Arquivo privado do Hospital Espanhol do Rio de Janeiro, a partir de 1859 até os anos 20 do século XX, e do Consulado Espanhol, a partir de 1877 até 1939.

<sup>7</sup> Resultados extraídos das matrículas do Hospital Espanhol e das fichas do Consulado Espanhol, ambas localizadas no Rio de Janeiro, entre os anos de 1850 a 1939.

sócio-profissional naquelas localidades onde já existiam concelhos com maior tradição<sup>8</sup>.

Na província de Pontevedra, apareceram 21 concelhos distribuídos por essas três ruas do Rio de Janeiro, entretanto algumas zonas apresentam maior contingente migratório que outras. Na Lapa e na freguesia de Santo Antonio prevaleceram numericamente os municípios que limitam com o norte de Portugal e alguns do litoral sul da Galiza, como As Neves, Arbo, Tui, Gondomar ou O Rosal.

Um dos fatores explicativos para a escolha dos destinos migratórios dos galegos é a emigração *intrapensinsular*. Para o caso do Brasil, está relacionado a municípios ou áreas com forte tradição migratória a Portugal. Como exemplos, segundo estudos realizados por vários especialistas, temos a área geográfica do sudeste de Pontevedra, mais especificamente os concelhos de Pontecaldelas, Fornelos de Montes, A Lama e Cotobade; o município de Santa Comba, da província de A Coruña, e, por último, o Concelho de Melón, localizado na província de Ourense<sup>9</sup>. Esses municípios são os que apresentam o maior contingente emigratório a Rio de Janeiro dentre todos os municípios de suas respectivas províncias<sup>10</sup>.

Alguns municípios da província de Pontevedra, aqueles localizados no centro e no sul, têm uma antiga tradição emigratória ao Brasil, já registrada desde a década de 50 do século XIX. Segundo estudos realizados por González Lopo<sup>11</sup>, nos arquivos paroquiais pertencentes aos municípios de Ponte Caldelas, Fornelos de Montes, A Lama e Cotobade aparecem informações que indicam um claro predomínio de emigração a Portugal, o que facilitaria os primeiros contatos dos galegos com o Brasil. Em outra zona pontevedresa, na chamada Terra de Montes, que engloba os

<sup>8</sup> Para ver a distribuição da emigração galega a Rio de Janeiro por províncias, vid. SARMIENTO, Érica. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de doutorado apresentada na Faculdade de Geografia e Historia. Universidade de Santiago de Compostela, 2006.

<sup>9</sup> Vid. GONZÁLEZ LOPO, Domingo. “Una aproximación a la emigración de la Galicia Occidental entre mediados del siglo XVII y el primer tercio del XX, a través de las fuentes protocolares y archivos parroquiales”. *Revista da comisión galega do quinto centenario*, nº 6, 1990, pp. 135- 169; BARREIRO MALLÓN, Baudilio. *La jurisdicción de Xallas en el siglo XVIII. Población, sociedad y economía*. Santiago de Compostela: Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Santiago de Compostela, 1977; FERNANDEZ RODRIGUES, M.A. “Evolución migratoria en el municipio de Melón: mediados del siglo XVII a comienzos del siglo XX”. In: Eiras Roel (ed.). *Aportaciones al estudio de la emigración gallega. Un enfoque comarcal*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1992, p. 167-176.

<sup>10</sup> Vid. SARMIENTO, Érica. *Galegos no Rio de Janeiro (1950-1970)*. Tese de doutorado, Faculdade de Geografia e Historia, Universidade de Santiago de Compostela, 2006.

<sup>11</sup> GONZALO LOPO, Domingo. “Los movimientos migratorios en tierras del interior de la provincia de Pontevedra entre 1801-1950: características y puntos de destino”. In: Pilar Cagio (ed.), *Galicia nos contextos históricos*. Universidad de Santiago de Compostela, *Semata*, nº11, 2000, pp.270-278.

municípios de Beariz, Cerdedo e Forcarei, a partir de meados do século XIX, Brasil passa a ser o principal destino de atração americano, principalmente as cidades de Santos e São Paulo e, em menor medida, Rio de Janeiro<sup>12</sup>.

Ainda que nos deparemos com índices emigratórios em quase todos os concelhos pontevedreses, o centro-sul da província de Pontevedra é, sem dúvida, a zona de maior fluxo a Rio de Janeiro. No limite com o Minho português e sofrendo influência desses vizinhos, essa região galega foi desencadeando uma emigração que atingiria quase todos os municípios pontevedreses (com maior ou menor intensidade), mantendo uma continuidade e a sobrevivência de cadeias migratórias ao longo de mais de um século. Os portugueses se adiantaram a essa emigração, claro está, por questões históricas, alternando, assim como os galegos, os destinos entre Brasil e as regiões intrapeninsulares<sup>13</sup>.

Na Rua do Lavradio, onde está a maior concentração de pontevedreses, com 135 emigrantes (52% do total das três ruas), o município de As Neves representa 7,75% do total das três ruas e 15% dos que viveram no Lavradio. É o município com maior número de emigrantes tanto na Rua do Lavradio como também na Rua dos Arcos. Foi o único concelho, para a toda a Galiza, que contou com mais de 20 emigrantes vivendo na Rua do Lavradio. No número 77, da mesma rua, existiu uma hospedaria, onde residiram vários galegos. A documentação, muitas vezes, não deixa entrever o tipo de moradia que existia nos endereços: se era quarto, casa de cômodo, comércio, etc. As fontes orais, nesses casos, contribuíram para relatar este tipo de informação. Assim ocorreu com o n° 77, onde viveu M. G. G., nascido no concelho de As Neves: “Quando cheguei fui morar sozinho. Era ali no morro de Santo Antonio, na Rua Lavradio, 77. Moravam muitos galegos, era o chamado cabeça-de-porco, que se disse aqui. Eram mais de 50 famílias que moravam ali. Havia muita família portuguesa e brasileira também.”<sup>14</sup>

Esse emigrante chegou no ano de 1950 e, ainda nessa época, os galegos continuavam utilizando as pensões do Centro do Rio como a forma mais econômica de

<sup>12</sup> FERNÁNDEZ CORTIZO, Camilo. “Emigración peninsular y americana en tierra de montes (1700-1914)”. *Revista da Comisión Galega do Quinto Centenario*, nº 7, 1990, p.182

<sup>13</sup> FERNANDES ALVES, Jorge. Os Brasileiros. Emigração e retorno no Porto Oitocentista. Porto: Porto eds., 1994.

<sup>14</sup> Entrevista a M. G. G. no dia 4 de novembro de 2003, no Rio de Janeiro. Os emigrantes entrevistados pela autora deste artigo serão identificados pelas iniciais do nome e sobrenome.

sobreviver, tal como ocorria no começo do século. A diferença da segunda emigração de massas em relação aos que emigravam no começo do século XX é que, quando conseguiam juntar as suas economias, buscavam uma casa para alugar ou para comprar nos subúrbios ou nos arredores da área central, como podia ser o bairro do Méier, Penha ou, no caso do emigrante entrevistado, o bairro de São Cristóvão. Os que podiam se permitir comprar um imóvel nos bairros mais privilegiados, mudavam-se para a zona sul, perto da praia, nos bairros do Flamengo, Botafogo ou Copacabana.

Encontramos em décadas anteriores, vivendo no número 77, da Rua do Lavradio, outros emigrantes: dois do concelho de As Neves, quatro de Santa Comba, 1 de A Baña, 1 de Pontearas, 1 de Salvaterra do Miño e 1 de Ourense. O mais antigo era do Concelho de As Neves. Chamava-se Eduardo Sánchez Gil e se registrou no consulado no ano de 1915. Ou seja, desde 1915 até a década de 50 é provável que muitos galegos procedentes do concelho de As Neves tenham residido nesta localidade. Como as hospedarias eram lugares temporais, era relativamente comum encontrar um segundo endereço nas fichas do consulado. O próprio Eduardo Sánchez Gil, na década de 40, vivia na Rua Mem de Sá, outra localidade próxima à zona central do Rio. Este concelho pontevedrês, onde mais se aglomeraram seus vizinhos foi no número 41 da Rua do Lavradio: de 14 galegos, 10 procediam de As Neves.

As pensões populares, como os pequenos hotéis, os cortiços e as “cabeças-de-porco”<sup>15</sup>, foi uma realidade da emigração galega e portuguesa no Rio de Janeiro. O número 77, não era a única casa que alugava quartos. Nas fichas do Consulado Espanhol, por exemplo, os números 38, 63 e 170 da Rua do Lavradio também eram casas. Nos dados pessoais do emigrante Maximino Gesteira Loral, de Redondela, aparece o seguinte endereço: “Rua do Lavradio, nº 63, Casa 2”. A antiguidade dessa rua como moradia de galegos remete-se ao século XIX. A partir de 1879 até o ano de 1899, aparecem 12 emigrantes vivendo aí. A emigração continuou, segundo as fontes escritas até a década de 1930 e segundo as fontes orais, até a década de 1950.

As áreas centrais que serviam de moradia estavam unidas à vida profissional. Por isso, muitos galegos tiveram seus hotéis, restaurantes ou pequenos comércios também no centro da cidade. Nas fichas do Consulado Espanhol do Rio de Janeiro,

<sup>15</sup> Casas de cômodo, muito comum no começo do século XX, no Rio de Janeiro, antes das reformas urbanísticas, a partir de 1906. Eram habitações coletivas, com banheiro e cozinha também coletivos.

aparecem no item referente ao endereço, nomes de hotéis, que podiam tanto ser a residência como o local de trabalho ou ambas as coisas. Na Largo da Lapa, por exemplo, encontramos o “Grande Hotel” e o “Hotel Guanabara”. No primeiro deles, localizado no número 47, encontramos seis emigrantes vivendo nesta localidade na década de 1920, oriundos de todas as províncias galegas.

Na Rua do Lavradio, os emigrantes se hospedavam e também alugavam quartos. Aproveitaram a conjuntura e a demanda do mercado para abrir suas hospedarias. Não só os do sul de Pontevedra e os de Ourense estiveram pela Rua do Lavradio, também os de Santa Comba e municípios vizinhos deste concelho habitaram essa parte do Rio de Janeiro. M. M. C., de Santa Comba, não só viveu na Rua do Lavradio, como também foi sócio de um dos hotéis, no número 68:

Quando cheguei estava fazendo negócio com um hotel na Rua Lavradio, 68, hoje Hotel Casablanca, naquele tempo Hotel Lavradio. Eram de rapazes conhecidos e meu pai comprou uns pontos para mim e eu fui trabalhar ali 6 meses, desde o 31 de agosto de 1957 até os primeiros dias de abril de 1958. Saí dali porque meu pai construiu o Hotel São Cristóvão. No lavradio eu tinha 6 pontos de sociedade e em São Cristóvão tínhamos 25 pontos. Uma casa nós dividíamos em porcentagens. O Lavradio continuou bastante tempo, depois eu vendi.<sup>16</sup>

Os emigrantes costumavam chamar de “pontos” as pequenas parcelas que compravam em sociedade. À medida em que as economias aumentam, os “pontos” também cresciam ou, em outros casos, compravam-se “pontos” em melhores áreas da cidade. Nesse caso, o Hotel Lavradio, como disse M. M. C., “eram de rapazes conhecidos”, ou seja, de vizinhos de Santa Comba ou de galegos. A presença dos xallenses nesta freguesia era muito mais antiga. O primeiro emigrante foi encontrado no ano de 1912 e a cadeia migratória seguiu até a década de 50.

A emigração de Santa Comba ocupou 20,3% do total dos galegos que viviam na Rua dos Arcos, no Lavradio e na Lapa. Uma cifra que só está por debaixo do concelho pontevedrês de As Neves. Somente na Rua do Lavradio, entre 1912 e 1939, viveram 20 xallenses, a maioria dele nos números 122 (de 18 moradores, 6 eram de Santa Comba) e número 125.

No que diz respeito à emigração intrapeninsular do concelho de Santa Comba, Portugal está entre os destinos preferidos dos seus habitantes. Segundo Baudilio Barreiro, nos seus estudos realizados sobre a jurisdição de Xallas, os emigrantes vão

---

<sup>16</sup> Entrevista com M.M.C. no dia 12 de novembro de 2003, no Rio de Janeiro.

diretamente à cidade do Porto como moços de serviço, porque é a única capaz de absorver um número elevado de empregos temporais e de ambulantes. Entre os anos de 1757 e 1784, a porcentagem de 18% dos varões casados havia estado em Portugal:

“Las preferencias a la hora de elegir destino se las lleva Portugal ampliamente sobre Castilla. En porcentajes correspondería el 86 % a Portugal y el 14 % a Castilla. A Portugal van como mozos de servicio en sus múltiples variantes: por eso Portugal equivale a decir Oporto, única ciudad que puede absorber un número elevado de empleos temporales y callejeros. Allí trabajan de aguadores, recaderos y mozos de mercado. A Castilla van, en cambio a trabajar en el campo, a las labores de siega y tal vez de esquileo y carboneo<sup>17</sup>”

A atividade complementar do município também possibilitou a emigração a Portugal. Apesar das famílias de Santa Comba viverem predominantemente da agricultura, com terras arrendadas ou trabalhando nas suas próprias fincas, havia um trabalho que predominava na zona e que ajudava a aumentar a economia doméstica: a *arriería*. Através dos transportes de mercadorias, principalmente de cereais (trigo, sal e vinho), de carvão e areia, os camponeses conseguiam o dinheiro necessário para pagar seus impostos e cobrir o déficit das colheitas. Levavam as mercadorias a várias cidades galegas, como Santiago ou Pontevedra e, muitas vezes, se deslocavam até as fronteiras de Castela e de Portugal, para venderem vinho ou outros produtos<sup>18</sup>.

Na década de 60, os galegos continuaram comprando hotéis na Rua do Lavradio. J. A. I., de Mazaricos, foi um deles. Chegou no Rio de Janeiro em 1963 e junto com os irmãos que já estavam na cidade, comprou uma hospedaria nessa rua. Segundo palavras do emigrante: “é um lugar muito ruim, daquela não tanto. Na minha época tinha menos galegos, mas ainda era um lugar que tinha muitos galegos. Os galegos aqui no centro moravam na Rua do Lavradio, na Gomes Freire...”<sup>19</sup>

Nos livros de prófugos do Concelho de Santa Comba, na década de 50, encontramos 15 emigrantes vivendo na Lapa, na Rua dos Arcos e na Lavradio. Os endereços aparecem a partir da década de 50, mas sabemos que nestas ruas já havia galegos vivendo desde a primeira emigração. Na Rua da Lapa, entres os anos de 1951 e

<sup>17</sup> BARREIRO MALLÓN, Baudilio. *La jurisdicción de Xallas en el siglo XVIII. Población, Sociedad y economía*. Santiago de Compostela, Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Santiago de Compostela, 1977, 253-254).

<sup>18</sup> Idem, pp.422-440.

<sup>19</sup> Entrevista a J. A. I. no mês de outubro de 2000, no Rio de Janeiro.

1955, moravam cinco vizinhos, e nas ruas próximas, como a dos Arcos, a Visconde de Maranguape e a Joaquim Silva, no mesmo período, havia cerca de 10 emigrantes de Santa Comba. O que está claro é que muitos xallenses se agruparam nesta freguesia carioca tanto na primeira emigração massiva como na segunda. Os municípios vizinhos de Santa Comba, como Mazaricos, Vimianzo ou Outes também tinham emigrantes nesta zona. Foi o caso de S. J. P., de Vimianzo, que emigrou em 1960. Decidiu sair da Espanha, porque já tinha o irmão no Rio de Janeiro, além de outros familiares que emigraram antes dele. O primeiro lugar onde morou foi na Lapa. O bairro lhe servia somente como residência, pois se deslocava todos os dias até Copacabana para trabalhar de garçom. Quando comprou seu próprio restaurante, foi viver em Nova Iguaçu, um município da chamada Baixada Fluminense, onde os imóveis eram mais acessíveis que nas áreas nobres. Dizia que “na Lapa tinha muito espanhol. Era tudo espanhol<sup>20</sup>”.

Na Rua do Passeio, nº 70, ainda no bairro da Lapa, estava o famoso “Restaurante Cosmopolita”, cujo proprietário era Raimundo Rodríguez Martínez, natural de Melón, e um dos sócio-fundadores e diretores do Recreio dos Anciãos. A Rua do Passeio começou nas proximidades da Rua da Ajuda, a antiga localidade onde viveram diversos galegos no final do século XIX. Acreditamos que, com a extinção da Rua da Ajuda, a freguesia de Santo Antonio foi ganhando espaço e passando a ser uma das freguesias centrais de maior emigração galega.

Dos galegos que viveram na freguesia de Santo Antônio, a maioria deles trabalhou no comércio (67,2%). Não podemos comprovar em que tipo de comércio, já que prevalecem as definições de caráter mais geral como “negociantes” e “empregados”. Entretanto, nos arriscamos a vincular a profissão dos emigrantes com o setor da hotelaria, não só pelos depoimentos dos entrevistados, como também pelas características do próprio bairro, dotado de restaurantes e pensões. Isso não exclui, por suposto, o pequeno comércio.

Nos processos de expulsão de estrangeiros, uma fonte rica em informação acerca do cotidiano dos imigrantes, analisando os casos de crimes de lenocínio, crimes contra a ordem e moral pública pelo uso da prostituição, percebemos que muitos galegos eram

---

<sup>20</sup> Entrevista a S. J. P., no dia 26 de setembro de 2000, no Recreio dos Anciãos, Rio de Janeiro.

acusados devido ao tipo de negócios que tiveram no Rio de Janeiro: as hospedarias. Por exemplo, o caso dos irmãos de Santa Comba, Celestino e Manuel Gerpe Blanco, acusados de lenocínio. O primeiro foi expulso e o segundo teve um pouco mais de sorte, porque teve condições de contratar um advogado e foi posto em liberdade<sup>21</sup>. As hospedarias e casa de cômodos, abundantes no começo do século XX por oferecer serviços baratos aos trabalhadores das classes baixas, também se transformaram em lugar de prostituição do baixo meretrício carioca. Localizadas nas ruas centrais do Rio de Janeiro, esses hotéis serviam de moradia e de “comércio do prazer” para os brasileiros e estrangeiros que combinavam as jornadas de trabalho com o ócio. Os donos do comércio alugavam quartos por hora para todos os tipos de cliente, inclusive para as prostitutas que trabalhavam nas vizinhanças.

Neste tipo de comércio, muitos galegos investiram as suas economias, comprando pequenas participações em sociedade, sem se importarem com a localização e o tipo de cliente que freqüentava esses espaços. Era um negócio rentável, de baixos investimentos e rápida ascensão. A clientela não era exigente e a escassez e a carestia dos aluguéis aumentavam a demanda pelos quatinhos de pensões e hotéis baratos. A classe trabalhadora não tinha muita opção, não podia permitir-se o luxo de pagar um aluguel de um imóvel e era necessário viver próximo ao local de trabalho para evitar longos deslocamentos entre um bairro e outro. No jornal *A Gazeta de Notícias*, do dia 9 de janeiro de 1908, numa série de reportagens sobre as hospedarias do Rio de Janeiro, intitulada *Os quartos do vício*, um ex-proprietário de hospedarias, cuja identidade não é revelada pelo jornal, conta para os leitores o dinheiro que angariou num “quartelzinho de vício bem atreguezado”:

“A hospedaria? O senhor não calcula que bom negócio é esse. Acredite, se eu não tivesse velho (...) eu tinha desviado alguns cobres do meu capital para fundar uma; apesar, sim, apesar das muitas que agora estão aparecendo e que se fazem uma concorrência dos diabos. Mas há gente para todas, há gente para todas.”

---

<sup>21</sup> Arquivo Nacional, Processo de expulsão, Pac. IJJ7 169. Só encontramos o processo de Manuel Gerpe Blanco. No seu expediente aparecia a informação de que o seu irmão Celestino já havia sido expulso por lenocínio (não encontramos o ano da expulsão). Os dois aparecem nos livros de Censo do Concelho de Santa Comba do ano de 1919 e Manuel Gerpe Blanco estava inscrito no Hospital Espanhol no ano de 1919.

O comerciante, que depois de enriquecer com as hospedarias, se aposenta e se dedica a emprestar dinheiro à juros, lembra, com satisfação, do começo da sua inversão e dos “conhecimentos” utilizados para abrir esse tipo de negócio:

“Saiba o senhor que com uns dois contos de réis (...) e uns conhecimentos entre algumas mulheres, e a hospedaria está preparada a olhos vistos. Os dois contos seriam para a mobília, só o essencial- camas, cadeiras, lavatórios; para os quartos nobres mesinhas de cabeceira.”

Tudo estava muito bem calculado, tostão por tostão. O aluguel da casa podia custar 400\$ (réis), o ordenado de um encarregado uns 150\$, os gastos 120\$, somando uma despesa mensal de 660\$. Havia truques para diminuir os gastos, como por exemplo, utilizar os mesmos lençóis de um quarto para o outro, até mesmo num período de uma semana! Para ter uma clientela abundante, durante todo dia, era necessário “um conhecimento entre algumas mulheres”, o que transformava a pensão, durante o dia, em um “lugar de encontros”, e à noite, em quartos de dormir.

“Numa casa de 400\$ consegue-se muito bem uns dez quartos (...) esses dez quartos nunca se alugam uma vez, às vezes se alugam três e quatro vezes por dia- a questão é ser a casa bem afreguezada!...Demos-lhe, porém, uma média de quinze vezes por dia. Cada quarto, numa hospedaria, - assim, assim- dá (...) nada menos de 5\$. Temos, portanto, por dia 75\$, o subsídio de um deputado!

É ou não é um bom negócio! Num ano, com o capital de dous contos, numa hospedaria modesta e uma freguesia regular, um homem embolsa nada menos de vinte contos, limpinhos, sem guarda-livros, nem cobrador!”<sup>22</sup>

Como as primeiras economias só permitiam comprar pensões a preços módicos, em locais de baixo meretrício, muitas foram confundidas com casas de prostituição de baixa categoria. Entretanto, os comerciantes não tinham vínculos com as prostitutas, unicamente alugavam os quartos e se aproveitavam da situação. O emigrante de Santa Comba F. L. L. toma com bom-humor seus começos no Rio de Janeiro como dono de hospedarias. Depois de deixar seu trabalho de camareiro, comprou uma pensão com quatro sócios galegos no Centro do Rio de Janeiro onde estavam as mulheres (...) eram onde estavam aquelas mulheres. Era o sítio reservado para isso, naquele tempo era assim. Tínhamos o preso certo para cobrar e elas estavam ali praticamente nuas (risos). Tudo pelo Centro eram só hospedarias. Depois mudei de local e me senti melhor, já não tinha aquele mau ambiente.<sup>23</sup>

<sup>22</sup> A *Gazeta de Notícias*, 9 de janeiro de 1908.

<sup>23</sup> Entrevista a F. L. L., no dia 10 de setembro de 2003, em Santa Comba.

O dono de uma agência de viagens, J. S. S. conhecia bem a atividade dos xallenses no Rio de Janeiro:

Ellos tenían hoteles, pensiones. Era pensión de origen barato, ¿no? Baratas. Pero entre ellos allí, eran parejas que iban allí... en Río de Janeiro hay muchos moteles que pertenecen a gallegos. Hoy en día son hoteles de lujo, pero de aquella eran (risos)...Hoy, siguen con el mismo sistema, pero son moteles de lujo.<sup>24</sup>

As casas de meretrício, a prostituição e o lenocínio invadiram o Centro da cidade no começo do século XX e, junto com o tráfico de mulheres brancas, viraram motivo de preocupação para a polícia e os órgãos judiciais da República. Segundo a estatística apresentada pelo delegado do 12º Distrito Federal, no ano de 1914, contabilizavam-se na sua circunscrição 94 casas ocupadas por meretrices, compreendendo as ruas do Lavradio, Gomes Freire, Rezende, Arcos, Senado, Visconde do Rio Branco, Riachuelo, Mem de Sá e Praça dos Arcos e Governadores. Nestas casas habitavam 299 mulheres, das quais a maioria, 160, estava composta por estrangeiras, sendo que desse total, 33 eram rusas, 30 italianas e 20 espanholas (Medeiros de Menezes, 1992:51). Na maioria dessas ruas como a do Lavradio, Arcos, Senado, localizadas na freguesia de Santo Antonio e no bairro da Lapa, era onde estavam muitos hotéis de galegos, ademais das suas residências.

O processo de expulsão de Manuel Gerpe Blanco, no ano de 1921, comprova, mais uma vez, a participação de galegos nas hotelarias cariocas<sup>25</sup>. Em 1915, sofreu a primeira detenção, responsável por ser proprietário de três hospedarias frequentadas pelo baixo meretrício. Foi posto em liberdade e vendeu todas as hospedarias que estavam vigiadas pela polícia, comprando dos prédios na rua da Harmonia e na Rua Senador Pompeu (uma das ruas mais frequentadas por galego). Para esse caso em específico, não acreditamos que o acusado fosse cáften ou adquirisse hotéis com a única intenção de utilizá-los como bordéis, ainda que os quartos fossem alugados para prostitutas. No seu processo, não aparecem depoimentos de prostitutas, nem acusações que o indicie como explorador de mulheres, unicamente o processo denuncia a utilização do imóvel pelas meretrizes.

<sup>24</sup> Entrevista a J.S. S., em junho de 2002, em Santa Comba.

<sup>25</sup> Arquivo Nacional . Processo de expulsão, Pac.IJJ7 169.

O advogado contratado para defender Manuel Gerpe alega a expulsão injusta, explicando que o acusado já cumpriu a sua pena, mesmo que de forma injusta, já que ele se desfez dos seus primeiros negócios, passando a viver da renda dos seus imóveis, um deles, alugado como casa de cômodos. Não existia nenhuma prova contra Manuel Gerpe, que depois de ter cumprido a pena que lhe fora imposta, tratou de procurar novo meio de vida honesto e digno.<sup>26</sup>

Para comprovar tal fato, bastava ver as escrituras de venda das antigas casas.

Tais documentos provam perfeitamente que o paciente nada tem com as casas que a polícia diz serem exploradas por ele, com o comércio do metrício, por assim expulsá-lo do território nacional, onde vive há 17 anos, só tendo unicamente contra a sua pessoa a única condenação que sofreu, cuja pena cumpriu logo após, com um meio de vida honesto.<sup>27</sup>

Ademais, o advogado contava com outra arma de defesa: a expulsão do irmão do seu cliente, Celestino Gerpe Blanco, “sócio de Francisco Lima na hospedaria da rua D. Manoel, nº60”, expulso “com as falsas declarações dos comissários Péricles Barreto e investigador Bosseli, negando-lhe o direito de regeneração”. Dessa vez, havia um advogado brasileiro, envolvido na trama, e um cliente que tinha condições econômicas para pagar esse tipo de serviço. A polícia nada pode fazer e, no dia 26 de outubro de 1927, o delegado enviou uma carta ao Ministro de Justiça declarando que as provas recolhidas não eram suficientes para expulsar Manuel Gerpe Blanco e que o acusado havia sido posto em liberdade.

A história dos indesejáveis da Capital Federal e sua conseguinte expulsão foi um instrumento utilizado pelas autoridades brasileiras para impor a ordem pública contra aqueles estrangeiros pobres e contestadores do sistema. A história oficial durante muito tempo quis esconder a participação das massas populares nos períodos mais conturbados da sociedade brasileira, recriminando o caráter passivo da população. Entretanto, a forma de atuação desses excluídos do sistema, existiu de forma não organizada, dispersa pelas ruas da cidade, coincidindo com o cotidiano contraditório da cidade, que vivia entre o atraso e o progresso.

---

<sup>26</sup> Arquivo Nacional. Processo de expulsão, Pac.IJJ7 169.

<sup>27</sup> Arquivo Nacional. Processo de expulsão, Pac.IJJ7 169.

## **Percorrendo outros logradouros: As Ruas Camerino, Senador Pompeu e adjacentes**

Continuamos utilizando as ruas do Rio de Janeiro como um fator explicativo da concentração espacial dos galegos. Sabemos que a localização das moradias é uma variável que não explica totalmente a mobilidade social de um grupo migratório. Quando encontramos uma rua onde viveram muitos galegos ao longo de várias décadas, por detrás desse endereço sabemos que existe uma série de fatores de ordem cultural e econômicos (as motivações, os projetos) que envolvem o custo da casa, as possibilidades de economizar para ser proprietário, ou para um possível retorno, a proximidade da casa do local de trabalho ou a busca de uma vivenda próxima a familiares ou vizinhos. Além disso, os endereços devem ser estudados como um dado inicial que pode ser alterado facilmente, já que os emigrantes mudavam de rua, ao longo de suas vidas, segundo a mobilidade profissional e econômica. A primeira moradia sempre estava associada com a precária condição econômica na qual chegava o estrangeiro, por isso costumavam escolher quartos coletivos e vivendas populares.

O que era mais importante: as possibilidades que oferecia o mercado de trabalho do lugar escolhido (como a relação entre a distância casa/trabalho) ou as possibilidades que ofereciam os contrerrâneos que já estavam estabelecidos em determinados bairros cariocas? Para os pioneiros, podíamos escolher a primeira alternativa, mas para aqueles que desembarcaram no Rio de Janeiro na emigração massiva, as redes de relações sociais é um fator chave tanto na busca do primeiro trabalho como da primeira casa. Samuel Baily explica, em seu estudo sobre os italianos em Buenos Aires e em Nova York, que as variáveis estruturais (localização e disponibilidade de trabalho, o mercado da vivenda) influenciaram os pioneiros, mas os indivíduos que chegaram posteriormente na cadeia migratória foram influenciados, em boa parte, pelas redes de vínculos pessoais

já existentes<sup>28</sup>. Acreditamos que para o caso dos galegos no Rio de Janeiro ocorreu o mesmo processo. O seu espaço social, a priori, estava influenciado pelas condições sócio econômicas da própria cidade, mas com o tempo, com a chegada sucessiva de novos emigrantes, algumas ruas passaram a ser pontos de referências, não só pela sua localização estratégica, perto dos lugares de trabalho, como também porque já se havia estabelecido uma rede de parentesco e de vizinhança que oferecia apoio afetivo, econômico e profissional.

A localização das principais ruas e bairros onde se concentravam os galegos serviu como base para defini-los dentro do contexto urbano carioca, além de vincular o local de moradia com as profissões exercidas e se essa ocupação geográfica e profissional tinha relação com as redes sociais.

Próximos às zonas portuárias, na chamada freguesia de Santa Rita, moraram vários galegos no início do século XX. Esse dado já era conhecido por algumas bibliografias relacionadas com a emigração no Rio de Janeiro, que ressaltavam a concentração espacial de determinados grupos de estrangeiros.<sup>29</sup> O censo de 1906, por exemplo, distribuía a população espanhola pelas freguesias de São José, Santa Rita, Santo Antonio e Gamboa, em ordem de importância numérica. A freguesia de São José teve especial relevância na comunidade galega desde a segunda metade do século XIX, como foi o caso da Rua da Ajuda, do bairro Cinelândia e das suas ruas adjacentes. Como já comentamos nas páginas anteriores, esse espaço do centro da cidade foi ocupado por redes que ultrapassavam os limites de uma aldeia ou de um concelho.

Na freguesia de Santa Rita, no ano de 1890, dos 43.601 habitantes, 12.315 eram portugueses e 1.720 eram espanhóis. Era uma zona próxima ao porto, onde se concentravam os estivadores, os carregadores de café, formado por um contingente de negros escravos e libertos. No início do século XX, o porto do Rio de Janeiro era um enorme complexo de unidades independentes que se estendia por diversas ilhas da baía

<sup>28</sup> BAILY, Samuel. "Patrones de residencia de los italianos em Buenos Aires y Nueva York: 1880-1914". *Estudios Migratórios Latinoamericano*, ano 1, nº 1, dezembro de 1985, p.42.

<sup>29</sup> Entre muitas obras bibliográficas, podemos citar a de Lená Medeiros de Menezes. *Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996, e a dissertação de Lucía Maria Paschoal Guimarães, *Espanhóis no Rio de Janeiro (1880-1914). Contribuição a historiografia da imigração*. Tese de concurso à livre docência de Historiografia apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 1988. Ambas as autoras utilizam os recenseamentos do Rio de Janeiro dos anos de 1906 e 1920.

de Guanabara e se espalhava, no continente, da região fronteira ao Paço Imperial até as praias das Palmeiras e São Cristóvão. Em uma sucessão de mais de 60 trapiches, quase sempre colados um ao outro, o sistema ocupava uma extensão de 12 quilômetros, aproximadamente, tomando toda a orla marítima das freguesias de Santa Rita e Santana. É importante marcar, contudo, que os trabalhadores da área não viviam apenas do porto.

Segundo Velasco e Cruz:

A região era um importante centro artesanal e manufatureiro (...) Na região existiam inúmeros estabelecimentos comerciais, armazéns de secos e molhados, botequins, restaurantes e várias firmas de transporte de mercadorias. As duas freguesias constituíam, portanto, um mercado de trabalho diversificado, dinâmico, e cujo crescimento contínuo ao longo da segunda metade do Oitocentos ajudou a transformar os bairros da Saúde e Gamboa em importantes locais de moradia<sup>30</sup>.

Na Freguesia de Santa Rita, entre negros e portugueses, pequenos comércios e grandes exportadores de café, viveram os galegos nas Ruas Camerino, Senador Pompeu, Barão de São Félix, Visconde da Gávea, Saúde (atual Sacadura Cabral) e Prainha (atual Rua Acre)<sup>31</sup>. Conseguimos chegar até eles também, como nos casos anteriores, através dos endereços recolhidos nas matrículas do Hospital Espanhol e nas fichas do Consulado Espanhol. Na Rua Camerino e Senador Pompeu viveram 198 (5,6% do total da amostra) emigrantes galegos desde 1881 até o ano de 1938.

Quem foram os galegos que viveram na Camerino e na Senador Pompeu? Diferentemente da Rua da Ajuda, onde encontramos emigrantes do concelho de Santa Comba e da província de Pontevedra, os concelhos pontevedreses se aglomeraram arredor dessas ruas formando uma cadeia intermunicipal que abrangia 86,5% do total de galegos que viviam nessa localidade. Na Camerino, 23% do total era do concelho de Cerdedo, 21,1% de Cotobade, 11% de A Lama e de Forcarei; e na Rua Senador Pompeu, 13,6% pertencia ao concelho de Cotobade.

Está claro que nesta zona havia habitações coletivas, pensões ou hotéis onde se

<sup>30</sup> CRUZ, Maria Cecília Velasco. “Tradições negras na formação de um sindicato: Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Cefá, RJ, 1905-1930”, *Afro-Ásia*, Salvador/CEAO, UFBA, 2000, pp..275-276.

<sup>31</sup> Vamos analisar principalmente as Ruas Camerino e Senador Pompeu, porque eram as que reuniram maior número de imigrantes galegos (mais de 50). As outras ruas serão mencionadas, mas não se fará uma análise detalhada.

hospedavam os emigrantes e que, através das cadeias migratórias, eram informados da existência de vizinhos ou parentes que já estavam ali. Na Rua Senador Pompeu, por exemplo, havia uma conhecida estalagem na passagem do século XIX para o XX, que servia como residência para trabalhadores e que foi demolida com as reformas urbanísticas do Prefeito Pereira Passos (Gerson, 2000: 209 e Aquino Carvalho, 1995:134). Na Antiga Rua dos Cajueiros, paralela à Senador Pompeu, se localizava a maior das cabeças-de-porco do Rio, com 4 mil moradores, destruída nas primeiras décadas do século passado. Em outra rua, chamada Sacadura Cabral (antiga Saúde), que se encontrava com a Rua Camerino, havia um hotel, chamado *Hotel Europa*, onde viveram 9 galegos na década de 30<sup>32</sup>.

Na década de 1940, quando chegou, desde o concelho de As Neves, o emigrante F. F. C., as pensões continuavam servindo de pousada para os galegos. Na Rua General Caldwell, atrás da Praça da República, no número 219, estava a casa da sua sogra, também galega, que alugava quartos para estrangeiros e nacionais. “Eu vivia num quarto. A minha sogra sobrealugava quartos na Rua General Caldweel, 219. Eu lhe paguei tudo: a passagem, quarto, lhe paguei tudo. Não me regalaram nada. Paguei tudo, tudo<sup>33</sup>”. A sogra havia conseguido o seu primeiro trabalho, em um restaurante de galegos em sociedade com um português, e o primeiro lugar para morar. Uma residência coletiva, sem exceções nem sequer para o próprio genro. As dificuldades para começar a vida, com dívidas contraídas com parentes para pagar a passagem de navio, fazia com que as pensões e habitações coletivas fossem a primeira alternativa para os emigrantes recém-chegados. Alguns acomodavam toda a família dentro de um quarto, como o foi o caso de A. C. G., de Xinzo de Limia, que, da mesma forma, que o emigrante anterior, conseguiu seu primeiro trabalho por intermédio da sogra, em um restaurante também de um emigrante português. A.C.G foi viver num quarto na casa de uma família portuguesa e quando, posteriormente, levou a esposa e os dois filhos para o Rio de Janeiro, continuou vivendo com a família em um quarto. Ainda assim se

<sup>32</sup> Arquivo do Consulado Espanhol do Rio de Janeiro. Informação encontrada nas fichas do Consulado Espanhol.

<sup>33</sup> F. F. C., entrevista realizada no dia 27 de setembro de 2000 no Hospital Espanhol (Rio de Janeiro). No ano de 1939, nas fichas consulares, encontramos um emigrante de Santa Comba, chamado José Rodríguez Pose, vivendo também na Rua General Caldwell, 219. Antes vivia na Rua do Lavradio, 122, uma rua onde viveram vários galegos de Santa Comba.

considerava uma pessoa com sorte, já que a maioria dos espanhóis compartilhavam espaço com 4 ou 5 patrícios:

Tinha lugar que tinha 4 ou 5 espanhóis que moravam juntos, no mesmo quarto. Eu morei num quarto, com uma família que tinha um apartamento e me alugavam um quarto. Minha sogra quando eu cheguei me arranhou para eu morar ali. Quando chegou minha esposa e meus dois filhos ficamos num mesmo quarto. Havia um espaço e uma cozinha e o banho era coletivo. Não havia recursos e teve que ser assim.<sup>34</sup>

Assim, os imigrantes galegos não só de dedicaram- uma parte deles- ao setor da hotelaria, como também utilizaram as hospedarias para os recém-chegados. Um negócio, certamente, frutífero, já que a imigração galega no Rio de Janeiro não cessou até a década de 60 do século passado.

A dependência afetiva e econômica entre parentes e vizinhos não era uma característica exclusiva dos galegos no Rio de Janeiro. Em Cuba, por exemplo, as relações entre familiares e vizinhos eram frequentes no setor terciário, dominado por espanhóis e galegos. O comércio encontrava-se majoritariamente nas mãos de espanhóis. Devido à estrutura da propriedade e o sistema agrário cubano, as possibilidades de ascensão social e econômica estavam basicamente na cidade e o setor terciário nas mãos dos espanhóis, entre os quais, muitos originários da Galiza. Os comerciantes espanhóis, segundo Malaquer de Motes, proporcionavam um trato privilegiado a familiares e patrícios<sup>35</sup>. Havia motivos de afinidades e solidariedades, além da confiança e da eficiência empresarial. A maioria dos balconistas aspirava ser comerciantes ou donos do seu próprio negócio e, para isso, estavam dispostos a sacrificar-se ao máximo no trabalho, vivendo com extrema modéstia e investindo todas as economias na consolidação do negócio. Frequentemente, empregados e balconistas, que costumavam ser escolhidos entre parentes ou patrícios, eram obrigados a investir a maior parte do seu salário na participação do negócio.

Vale ressaltar que estamos mediante um bairro habitado pelos galegos no

<sup>34</sup> Entrevista a A. C. G. o dia 14 de setembro de 2000, no Recreio dos Anciãos (Rio de Janeiro). O entrevistado não se lembrou o nome da rua da sua primeira residência no Rio de Janeiro.

<sup>35</sup> MALUQUER DE MOTES, Jordi. *Nación e inmigración: los españoles em Cuba (ss. XIX y XX)*. Archivo de Indianos, Asturias, Colombres, 1992, p.140.

começo do século, uma localidade que podia ser interessante não só desde o ponto de vista econômico, pelas habitações coletivas e casas populares, mas pela sua estratégia profissional, já que estava próxima ao porto e dos negócios de importação e exportação que ali se realizavam. Como mencionamos, na freguesia de Santa Rita estavam os portugueses com os seus comércios de secos e molhados e bares e pensões, ramos também escolhidos pelos galegos. É mister lembrar que o grupo mais importante numericamente, no Rio de Janeiro, eram os portugueses, ponto de influência e referência não só para os galegos que estavam na Galiza, como para aqueles que já estavam no Brasil. Pela sua semelhança lingüística e cultural e também devido às migrações intrapensinsulares do século XVIII e XIX dos galegos às cidades lusitanas, a emigração galega pioneira quase que foi, por assim dizer, uma prolongação da corrente portuguesa a Brasil.

Outra informação de interesse vinculada com a Rua Senador Pompeu foi a fundação do Centro Galego. Abriu as suas portas no ano de 1900 e a sua primeira sede foi na Rua da Constituição, justamente a transversal à Senador Pompeu, antes da Construção da Avenida Getúlio Vargas no Estado Novo. As associações étnicas tendiam a estar localizadas nas áreas próximas aos seus emigrantes. Assim foi também com os italianos no Rio de Janeiro, que fundaram uma das suas primeiras sociedades do Brasil, o Círculo Italiano de Instrução, na Praça Onze, freguesia de Santana, uma localidade onde vivia a maior parte desses emigrantes<sup>36</sup>.

Os índices de retorno (temporal ou definitivo) estiveram presentes entre os vizinhos da Senador Pompeu e da Camerino. Entre as retiradas de passaporte no Consulado Espanhol do Rio de Janeiro, 10,4% era de galegos que viviam nessas ruas. Curiosamente em esta localidade, encontramos não só emigrantes que voltaram à Galiza, como também casos de mobilidade dentro país, principalmente nos estados de São Paulo, Bahia. As cidades de São Paulo, Santos e Bahia fizeram parte da emigração de Cotobade. Os municípios vizinhos, como Pontecaldelas, Pazos de Borbén, A Lama e Cotobade tiveram uma importante emigração à Salvador da Bahia<sup>37</sup>. De fato, nas listas de Censo do Arquivo Municipal de Cotobade, encontramos emigrantes de todos esses

<sup>36</sup> BRASIL GERSON. *Historias das Ruas do Rio* (e da sua liderança na história política do Brasil). Rio de Janeiro, Lacerda, 2000, 5ª ed, p.185.

<sup>37</sup> BACELAR, Jefferson. *Galegos no paraíso racial*. Salvador, Ianamá, 1994, p.45.

concelhos que já haviam estado na Bahia ou que partiram do Rio de Janeiro para esse estado. Foi o caso do emigrante José Maria Sueiro, de Cerdedo, de profissão da canteria, que estava na Bahia em 1934; ou Francelino Vilar Martinez, de Pazos de Borbén, que antes de estar no Rio de Janeiro, em 1937, já havia vivido na Bahia.

A maioria dos emigrantes que retiraram passaporte era casada (69%) e maior de 30 anos, o que reforça a idéia do alto índice de retorno vinculada à hipótese de ver a esposa e os filhos que haviam permanecido no lugar de origem com as possessões familiares<sup>38</sup>. Esses homens casados estavam sozinhos no Rio de Janeiro, segundo dados estatísticos referente ao sexo nessas duas ruas, onde só residiam três mulheres galegas. O emigrante Segundo Souto Couto, por exemplo, de Pontecaldelas, ausentou-se desde 1922 até o ano de 1933, quando retornou ao Brasil. O mesmo ocorreu com o emigrante José Alonso Cerviño, de Cotobade: matriculou-se em 1922 no Consulado e, nas observações da sua ficha, encontramos uma segunda data de chegada no Rio de Janeiro, no ano de 1935.

Desse último emigrante, não encontramos nenhum membro da sua família nas fontes brasileiras, mas sim nas fontes galegas. O seu irmão, Avelino Alonso Cerviño, também estava no Rio de Janeiro, dado comprovado no censo de 1955, no concelho de Cotobade, paróquia de Carballedo. Estava casado com Andréa Fernández Vidal, que vivia na mesma paróquia com uma tia dos irmãos Alonso Cerviño. Além do seu marido e cunhado, também estavam no Brasil (não aparecia a informação referente ao Estado), os seus sobrinhos Valentim e Manuel Vidal. Assim, não só o imigrante José Alonso Cerviño tinha a esposa em Cotobade, como também o seu irmão.

A prova da existência de uma colônia galega sólida nessa freguesia é o número de galegos que viveram na Rua Camerino. Nesse espaço, encontramos a concentração mais importante do começo do século XX. No número 96, da Rua Camerino, residiram nada menos que 103 galegos do total de 126. O tempo em que moraram nesse número ou o ano em que chegaram é algo quase impossível de saber. O único dado que disponibiliza essa informação é o ano consular, que começa a aparecer, de forma freqüente, somente a partir da década de 20 do século passado. Ou seja, dos 103 galegos

---

<sup>38</sup> Os emigrantes que retiraram passaportes entre os 20 e 22 anos de idade foram repatriados para o serviço militar. As informações são retiradas da interpretação feita das mias de 3 mil inscrições de galegos do arquivo morto do Consulado Espanhol do Rio de Janeiro, desde os anos de 1870 a 1939.

que viveram no número 96, sabemos que 93% deles haviam se inscrito no consulado entre o ano de 1920 e 1938. Essa porcentagem não demonstra que foi o primeiro endereço dos emigrantes, mas sim revela que viveram ou trabalharam nesse local durante essas duas décadas, havendo também a possibilidade de ser o local de referência de algum imigrante empregador.

O que havia no número 96? Uma pensão ou um estabelecimento comercial? Ou seria simplesmente um endereço de referência para os que se matriculavam no Consulado? Não podemos descartar nenhuma dessas possibilidades. O endereço do trabalho podia ser mais importante que o da própria casa, principalmente nos primeiros anos de chegada, quando o emigrante vivia como inquilino em quartos de hotéis, pensões ou em casa de patrícios, mudando constantemente de endereço, conforme a sua ascensão econômica ou troca de emprego.

Entretanto, algumas características da emigração galega da Rua Camerino, nº 96, nos leva a pensar na existência de algum tipo de pensão ou estalagem que abrigou, durante a primeira metade do século XX, uma importante parcela dos galegos de Cotobade, A Lama, Cerdedo e Forcarei. Primeiramente, as profissões eram muito variadas. Ainda que a maioria (60%) estava constituída de jornaleiros, um termo generalizado, que pode englobar tanto um ofício rural (vinculado ao lugar de origem) como urbano, os trabalhadores da construção (pedreiro, carpinteiro, canteiro) formavam 17% e do comércio 22% e o restante se dividia entre um motorista, um padeiro, duas donas de casa e um operário. Uma variedade de ocupações que não podiam estar sob a ordem de um mesmo estabelecimento, unicamente que fosse um grande centro comercial, opção que descartamos para o período temporal utilizado. Um segundo fator seria a inscrição consular desses moradores, que indica uma grande concentração de vizinhos em um mesmo ano ou em poucos anos. Só no período de 1926 a 1934, foram registradas 14 e 13 pessoas, respectivamente, e entre 1925 e 1930, apareceram 40 galegos residindo no número 96 e, por último, entre os anos de 1931 e 1938, o total de 43 vizinhos. Seguimos com a hipótese de que, no caso de que fosse um comércio, teria que ser uma empresa dinâmica e grande, para abrigar uma diversidade de profissões e um considerável número de empregados. Além disso, a freguesia de Santa Rita era uma das mais frequentadas por espanhóis. Na Rua Camerino nº 80, por exemplo, havia um

sobrado, que funcionou para alojar emigrantes desde a década de 20 até a década de 50. Descobrimos que era uma casa, quando investigamos os livros de prófugos do Arquivo Municipal de Santa Comba, onde no ano de 1950, o emigrante José Maria Espasandín Serrano apresentava como endereço, a “Rua Camerino, nº80, sobrado”. Na década de 20, viveu outro emigrante de Santa Comba, da paróquia de Mallón, chamado Ramón Santos Varela, um jovem de 19 anos que teria chegado ao Rio de Janeiro no ano de 1924.

As casas estavam perto do local de trabalho, não descartando, assim, a possibilidade do emigrante morar no próprio emprego. Tudo estava próximo, moradia e trabalho, no século XIX e começo do século XX, do Centro da cidade. Na Rua Visconde da Gávea, nº 70, cruzando com a Senador Pompeu, havia outra casa de cômodos. Aí viveu F. L. L., da paróquia de Grixoa (Santa Comba), com mais três vizinhos, na década de 30 do século passado<sup>39</sup>. Todos no mesmo quarto. No mesmo período, encontramos, nas fichas do Consulado Espanhol do Rio de Janeiro, dois vizinhos da paróquia de Grixoa que também viviam nessa casa de cômodos. Eram José Suárez Gulín e Benigno Suárez García, cujas inscrições consulares correspondiam aos anos de 1934 e 1928, respectivamente. Seriam os companheiros de quarto de Francisco López Landeira? Poderia ser, já que eram, inclusive, da mesma aldeia: Vilar de Céltigos. López Landeira buscou seu primeiro quarto numa rua próxima ao seu primeiro local de trabalho, na Rua Camerino n. 62. Era o restaurante “União Ibérica”, de propriedade de galegos da província de Pontevedra. Aqui temos um exemplo da extensão das redes de solidariedade que estavam estabelecidas desde um complexo sistema de relações de *paisanagem* e de estrutura, montadas segundo a disposição geográfica do Centro da cidade.

A importante cadeia migratória das Ruas Camerino, Senador Pompeu e adjacentes agrupou três tipos de relações: entre compatriotas de concelhos vizinhos, entre vizinhos do mesmo concelho e entre parentes. Do município de A Lama, encontramos vários irmãos e parentes, todos vivendo no número 96 da Rua Camerino. Foi o caso dos imigrantes Venancio e Arturo Cerdeira Barreiro, que viajaram a sua aldeia no ano de 1935 ou Manuel e Delfina Cendón Cota, que, com outro parente,

---

<sup>39</sup> Entrevista a F. L. L. (Grixoa-Santa Comba) realizada no dia 10 de setembro de 2003, em Vila de Céltigos (Santa Comba).

Ricardo Cota Fernández, residiu também na Camerino, nº 96.

O concelho de Cotobade, que do total da amostra de emigrantes recolhida das fichas consulares, contribuiu com 18,4% dos vizinhos da Rua Camerino (todos vivendo no número 96), reuniu diversos familiares nesse logradouro do Rio de Janeiro. Os irmãos José, Benjamin e Ludvina, da paróquia de Rebordelo foram alguns deles. As idas e vindas fizeram parte da tradição migratória dessa família. José foi repatriado no ano de 1927, mas regressou em 1935, e Benjamin voltou à Galiza no ano de 1930. Os dois eram casados e não encontramos referências de suas esposas no Rio de Janeiro, o que nos leva a concluir que permaneceram em Cotobade.

No século XIX e nas primeiras décadas do século XX encontramos somente dois emigrantes de Santa Comba vivendo nessa rua e quatro na Rua Senador Pompeu. Entretanto, nas ruas vizinhas, com menor índice migratório, mas que, possivelmente, sofreram a influência das cadeias migratórias dos logradouros com mais contingente, como a Sacadura Cabral (antiga Rua da Saúde), aparecem, na década de 50, seis emigrantes de Santa Comba vivendo no número 129. Eram todos jovens, com idades entre 19 e 21 anos, que constavam nos livros de alistamentos militares deste concelho desde o ano de 1951 até 1955. Mesmo com a possibilidade de mais xallenses terem habitado esta zona, os que predominaram, sem dúvida, foram os de Pontevedra, com maior concentração de alguns concelhos. Com isso, queremos demonstrar a versatilidade da emigração galega, distribuindo seus concelhos por áreas cruciais do zona central carioca. É normal que municípios com alto índice emigratório, como o caso de Santa Comba, estivessem dispersos por muitas ruas do Rio de Janeiro e que os emigrantes fossem mudando de endereço segundo as possibilidades do mercado de trabalho. Mas, no caso da freguesia de Santa Rita, a concentração dos xallenses pelas suas ruas era pequena, apesar de ser contínua no tempo, já que encontramos emigrantes até a década de 50 vivendo nos seus arredores.

Concluimos que a Rua Camerino e Senador Pompeu, mais especificamente a Camerino nº 96, reuniu um importante contingente de galegos dos concelhos de Cotobade, Forcarei, Cerdedo e a A Lama. Esta emigração era formada por varões casados, que retornaram à Galiza, definitiva ou temporariamente. Eram trabalhadores do comércio e da construção, que compartilharam casa e/ou trabalho numa freguesia

central disputada por negros e portugueses. Reconstruir essa história pelos logradouros do Rio de Janeiro do século XIX/XX, significa compreender a emigração galega não só desde a perspectiva do lugar de origem, como também desde a sociedade receptora, analisando as transformações políticas, econômicas e sociais da sociedade brasileira e carioca e os outros grupos de emigrantes que compartilhavam espaço no mesmo período.

## Bibliografia

ALVES, José Fernandes, 1997 – “Peregrinos do trabalho. Perspectivas sobre a inmigración galega en Porto”, In *Estudios Migratorios*, nº4, dezembro de 1997, Santiago de Compostela, pp. 69-81.

BACELAR, Jefferson. *Galegos no paraíso racial*, Salvador, Ianamá, 1994.

BAILY, Samuel. “Patrones de residencia de los italianos em Buenos Aires y Nueva York: 1880-1914”. *Estudios Migratórios Latinoamericano*, ano 1, nº 1, dezembro de 1985, pp.8-47.

\_\_\_\_\_. “Cadenas migratorias de italianos a la Argentina: algunos comentarios”. *Estudios Migratórios Latinoamericano*, ano 3, nº 8, abril de 1988, pp.125-135.

\_\_\_\_\_. “Posibilidades y problemas del cruzamiento de registros nominativos en el estudio del proceso migratorio italiano”. *Estudios Migratórios Latinoamericanos*, ano 11, nº 33, agosto de 1996, pp.269-286.

CARVALHO, José Murilo de, 1987 - Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi, São Paulo, Szwarcz.

BRASIL GERSON. *Histórias das Ruas do Rio*. 5ª ed., Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.

CARVALHO, Lia Aquino. *Habitações populares*. Rio de Janeiro: Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural da Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

CHALOUB, Sidnei, 1984 - Trabalho, lar e botequim: vida cotidiana e controle social da classe trabalhadora no Rio de Janeiro da Belle Époque, Dissertação de mestrado, Niterói, Universidade Federal Fluminense.

CRUZ, Maria Cecília. “Tradições negras na formação de um sindicato: Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café, RJ, 1905-1930”. *Afro-Ásia*, Salvador/CEAO, UFBA, 2000, pp.243-290.

DEVOTO, Fernando. *Historia de la inmigración en la Argentina*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2003.

- . “Algo más sobre las cadenas migratorias de los italianos a la Argentina”. *Estudios Migratórios Latinoamericano*, nº 19, p.323-343, dez., 1991.

MENEZES, Wagner Chagas de. “*Costurando retalhos*”: configuração e cotidiano do pequeno comércio do espaço central da Cidade do Rio de Janeiro, 1899-1903. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1998.

MEDEIROS DE MENEZES, Lená. “Jovens portugueses: histórias de trabalho, histórias de sucessos, histórias de fracassos”, em Ângela de Castro Gomes (org.), *Histórias de*

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

*imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 7 letras, 2000, pp.164-182.

- . Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930). Rio de Janeiro, EdUERJ, 1996.

- . *Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio (1890-1930)*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, Órgão do Ministério da Justiça, 1992.

NOGUEIRA, Ana Moura. *Como nossos pais: uma história da memória da imigração portuguesa em Niterói (1900-1950)*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1998.

NÚÑEZ SEIXAS, Xosé Manuel. "A parroquia de além mar: Algumas notas sobre o asociacionismo local galego en Bos Aires (1904-1936)". In: Cagio, Pilar ed., *Galicia nos contextos históricos*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, *Semata*, nº11, 1999, p.345-379.

- . "Las remesas invisibles. Algunas notas sobre la influencia socio-política de la emigración transoceánica en Galicia (1890-1930)". *Estudios migratorios latinoamericano*, nº 27, pp.301-346, ag. , 1994.

PARGA, Eduardo Antonio Lucas. *Entre fazendas, secos e molhados- o pequeno comércio na cidade do Rio de Janeiro (1850-1875)*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1996.

SARMIENTO, Érica. *O outro Río. A emigración galega a Río de Xaneiro*. Santa Comba, 3C3, 2006.

VÁZQUEZ, Alejandro González. *La emigración gallega a América, 1830-1930*. Tese de doutorado apresentada na Faculdade de Economia, Universidade de Santiago de Compostela, 1999.